

LEONARDO COIMBRA

OBRAS COMPLETAS

III

(1916-1918)



COLECÇÃO PENSAMENTO PORTUGUÊS

IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

ÍNDICE GERAL

<i>Prefácio,</i> por MANUEL FERREIRA PATRÍCIO	9
--	---

OBRAS COMPLETAS
DE
LEONARDO COIMBRA

Aspectos da vida religiosa	17
A favor da Morte	20
O sentido da guerra	27
A Primavera de Deus	37
A Alegria, a Dor e a Graça	41
I — A Alegria	43
II — A Dor	103
III — A Graça	143
Uma nova arma de guerra	202
A educação religiosa	207
A insubsistência dos valores germânicos	212
A poesia e a filosofia moderna em Portugal	217
O Natal	221
O ensino da filosofia	225
Esboço dum programa de filosofia para os liceus	230
João Lúcio	236
Carta a Mayer Garção	242
A Luta pela Imortalidade	243
A experiência e o simbolismo do pensamento	249
A experiência síntese	285
A memória e a morte	343

APÊNDICE

Significado da guerra europeia (Portugal na guerra)	403
<i>Índice onomástico</i>	413
<i>Índice sistemático</i>	417

PREFÁCIO

1. *Qual é a relação que existe entre a vida e a obra de um filósofo? Tratar-se-á de duas linhas paralelas, que nunca se encontram? O filósofo vai vivendo, como toda a gente: nasce, cresce, faz-se adulto, tem vida quotidiana mais ou menos banal como toda a gente, tem a sua circunstância e o seu círculo de amigos e familiares, envelhece, tem saúde, tem doenças, tem muitos ou poucos recursos, faz a sua vida social e política, finalmente morre. Cumpre, sob este ângulo de visão, o destino da generalidade dos seres humanos. Ao lado desta linha de acontecimentos vai sendo desenhada outra: a do pensamento filosófico, a da construção reflexiva sobre o mundo, a vida, o ser e o fundo abismático do ser, o sentido de tudo o que há, de todo o haver. Por sobre a banalidade do homem comum, igual àqueles com que se cruza na superfície do dia-a-dia, ergue-se o homem-águia, de olhos penetrantes a furar o infinito, a dardejar as entranhas do universo, da alma e do espírito, a interrogar os mistérios e os enigmas com que se confronta aquele cerne de si que realiza a suprema maravilha de pensar. Acontece esta coisa espantosa na solidão absoluta da consciência do filósofo, em contacto com a sua vida propriamente humana, como a dos seus irmãos humanos, ou tem o filósofo as raízes mergulhadas nas entranhas da vida e da realidade, pulsando ao ritmo destas e partilhando a história que a ambas envolve e revolve e faz, não sendo dissociável de nada disso?*

2. *Ao mesmo tempo que entre nós se realiza esta edição crítica da obra filosófica de Leonardo Coimbra realiza-se em Espanha mais uma edição das Obras Completas de José Ortega y Gasset, da qual já se encontram publicados quatro tomos e sobre cuja estrutura nos podemos, por conseguinte, pronunciar. O critério fundamental utilizado para ordenar os textos a publicar é, em ambos os casos, o cronológico. Ou seja: apresenta-se o pensamento criado pelo filósofo ao longo da vida do filósofo e*

em íntima articulação com esta vida. Ortega teve perfeita consciência desta relação siamesa entre a vida e o pensamento quando afirmou que «yo soy yo y mi circunstancia», acrescentando: «y si no la salvo a ella, no me salvo yo», tão profunda — essencial, no fim de contas!... — é essa relação. A sua filosofia é prova e demonstração disso. Não menos filósofo circunstanciado foi Leonardo Coimbra, sempre a beber da realidade que foi a sua — social, política, pedagógica, filosófica, cultural —, sempre a urdir os fios e o tecido do seu pensamento com os elementos mais simples e próximos dessa realidade.

3. O presente volume da obra de Leonardo Coimbra cobre o período compreendido entre 1916 e 1918. Quando olhamos para a produção filosófica de Leonardo, vemos que os escritos que elaborou e publicou nestes anos vêm na continuidade dos anteriores e avançam numa linha de continuidade criadora com eles. Vemos também que se mantém a fidelidade à realidade concreta que em Leonardo se manifestou logo no primeiro texto publicado. Este é o período histórico da Primeira Guerra Mundial. Iniciada em Julho-Agosto de 1914, é precisamente em 1916 que o Portugal republicano se envolve nela, do lado da França e da Inglaterra, contra a Alemanha. Na sequência da apreensão, por Portugal, de todos os navios mercantes alemães fundeados em portos portugueses (23 de Fevereiro de 1916), a Alemanha declara guerra a Portugal (9 de Março de 1916). Leonardo, Pascoaes e toda a «Renascença Portuguesa» tomam posição militante pela França, que para eles representa a liberdade e o espírito criador, face a uma Alemanha identificada com a matéria, a necessidade e a opressão desumanizadora. A meditação da guerra está presente ao longo da elaboração filosófica de Leonardo. A presença viva da «Renascença Portuguesa» é real e simbolicamente marcada pela referência a Augusto Casimiro, cujo livro *A Primavera de Deus* Leonardo recenseia justamente no momento em que o autor, integrado no Corpo Expedicionário Português, parte para a guerra (Julho de 1916). Pensando filosoficamente a guerra, Leonardo acompanha historicamente o esforço de construção da axiologia de um Max Scheler e mesmo de uma filosofia da história e de uma filosofia do sentido da história humana, quando reflecte sobre «O significado da guerra europeia» (Julho de 1918), já quando esta se aproxima do fim (o armistício será em Novembro desse ano). Para pensar a Europa, hoje, bem útil nos é ainda a reflexão de Leonardo sobre os valores dela constitutivos, antecipando e desde logo superando o que veio a ser o germanofilismo de um Heidegger.

4. A vida, a morte, a guerra, não são, pois, temas abstractos tratados por uma razão fria e alheada da ansiosa e fremente alma humana. São

temas palpitantes abordados com paixão e fundo sentido metafísico e transcendente. O incandescente eixo cósmico da metafísica leonardina — que atravessa de uma ponta à outra essa obra poético-filosófica extraordinária que é *A Alegria, a Dor e a Graça* e se prolonga, já nos anos 20 e depois nos derradeiros anos do filósofo, em *A Razão Experimental*, *Jesus*, nos escritos sobre *S. Francisco de Assis* e em *A Rússia de Hoje* e *o Homem de Sempre* — marca bem o continuado diálogo mais ou menos visível de Leonardo com Bergson, ao mesmo tempo que evidencia a originalidade do filósofo português, de mais funda e explícita ressonância religiosa e de mais amplo distanciamento do positivismo estreito então reinante em Portugal e do pragmatismo de Bergson-James. É muito forte em Leonardo a presença do divino e de Deus, bem como o sentido do religioso, que em Leonardo aparece muitas vezes como o sentido da vivência do Ser em contraposição à vivência do Nada.

Leonardo pensou sempre sistemicamente e devemos levar a sério o subtítulo da sua primeira obra, *O Criacionismo*, que ele anunciou como um esboço de sistema filosófico. Os temas e problemas da sua filosofia aparecem recorrentemente, precisamente porque são parte de uma reflexão sistémica. É o caso da imortalidade, que ocupa toda a tábua central d'*A Alegria, a Dor e a Graça* e é a tónica temática d'*A Luta pela Imortalidade*.

5. Quis o filósofo da «Renascença Portuguesa» trabalhar determinadamente para que Portugal deixasse de ser «a terra mais antifilosófica do planeta». Entre 1916 e 1918 ensinou filosofia aos alunos do liceu. Aí se apercebeu ao vivo da importância do ensino da filosofia aos jovens adolescentes para a edificação cultural e política de Portugal. É no período que se segue que vai ter a oportunidade de provocar a criação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e de nela viver a inolvidável experiência de ensino universitário de filosofia. Encontramos no presente volume o embrião do que veio a ser a sementeira de que hoje colhemos abundantes frutos, mau grado o positivismo redivivo, activo sob novas formas como no tempo de Leonardo jovem.

6. Prova dessa continuidade criadora temo-la nós no livro não suficientemente atendido pelos leitores e estudiosos de Leonardo *A Luta pela Imortalidade*. Tudo está dito, com subtileza e, por isso talvez, com alguma inaudibilidade, na dedicatória a sua esposa, a sua «querida Maria». É a referência à morte do filho e, por detrás dela, à morte do Pai. É a referência à dor da esposa e à sua própria dor. É a referência à alegria do seu primeiro livro, *O Criacionismo*, da qual nasceu acto contínuo a morte do seu filho, ou seja, da qual nasceu a dor. É o reverdecer dessa dor, é o

regresso da alegria, é mesmo a emergência da graça na dádiva do anunciado novo filho. A pulsação espiritual ternária de Leonardo, e da filosofia de Leonardo, está toda nesta dedicatória. A Luta pela Imortalidade segue-se criacionistamente a O Criacionismo, a O Pensamento Criacionista, a A Morte e, no fim de contas, a outros escritos que, soltos como pétalas da mesma e única flor, se encontram nos dois volumes anteriores e se encontram neste. Neles palpitam os grandes temas e problemas da reflexão filosófica de Leonardo Coimbra: a vida; a morte; o fora da vida e o dentro da vida; o sentido cósmico da vida; o sentido da Morte; a comunicabilidade psíquica entre a Vida e a Morte, a Morte e a Vida; a dimensão religiosa da vida; a oposição existencial entre o Ser e o Nada; a luta pela imortalidade. Luta que é esforço para a consciência, labor alimentado pela fome de eternidade, que desde o mais fundo de si mesmo consome e comove o homem. Esta é a sua experiência e dela trata este livro do filósofo. Ciência, arte, moral, metafísica — tudo são formas dessa experiência. Experiência que é unitária e solidária. Nenhum homem está sozinho na vida e no universo. Escreve o filósofo: «[...] no Infinito solitário e mudo, nós vamos, mãos nas mãos, e uma pequena luz nos sulca a estrada; essa luz é o dever, que arde desde o princípio dos séculos e teima em incendiar a própria eternidade!»¹ Todavia, a experiência-síntese, que vai mais além, confronta este esforço heróico do homem com a morte: «[...] sempre a Morte vem brutalmente protestar contra os esforços de consciência plena e harmónica e dizer que a vontade [...] se perde, desaparecendo para o convívio e crescimento.»² O homem tem que ir além da morte, respondendo de novo ao chamamento trágico dirigido à vontade. «E a vontade de consciência penetra para além do abismo...»³ O que é que há para além?... Esta pergunta corresponde àquela que ecoa obsidiantemente na componente A Dor de A Alegria, a Dor e a Graça: «Para onde vão as almas?...» Diremos agora: para onde vai a vontade de consciência do homem?...

O pensamento do homem é o seu combate directo contra a Morte. O pensamento contínuo e crescente do homem cria e aumenta continuamente a consciência, a qual «só ela garante o cosmismo ou harmonia física, só nela se finaliza o sistema de relações, que é o ser»⁴. É neste contexto analítico que Leonardo enlaça a «metapsicologia» com a filosofia, enlace que, portanto, a sua própria teoria da Experiência fundamenta

¹ P. 283.

² P. 341.

³ P. 341.

⁴ P. 349.

e explica e que, na sua longa exposição do assunto, as suas próprias experiências metapsicológicas confirmam. Este recurso à metapsicologia, que a leitores menos avisados e razoavelmente preconceituosos parecerá no mínimo estranho, é o argumento criacionista inicial enriquecido com novas informações e experiências de Leonardo, que lhe permite confirmar a sua posição de 1912 e ampliá-la com os novos dados que agora utiliza e as novas análises que com eles pode fazer. Eis como agora entende e nos dá a definição de Deus, depois de concluir que «a experiência tem de ser viva e concreta, em expressiva comunicação, recíproca troca de movimento, de vida e de verbo, enchendo de animado rumor toda a imensidade»⁵. À luz da experiência assim entendida «Deus deixa de ser uma Razão formalista dominando um Universo, que se deduza necessariamente da fórmula divina»⁶. Que é, então, Deus? «Deus é a mais vasta e íntima consciência, aquela em que se fez a verdadeira unidade dramática dos seres e donde estão suspensos os corpos, que, no Espaço, deslizam sem atritos e as almas que, na Vida, se enlaçam excluídas da fatalidade dum isolamento que as ressequisse à primeira tentativa de comunicação e fala.»⁷ Assim, «Deus é a memória total [...]. Senhor de todo o passado que se não perde, nem a sua atenção deixa degradar em esquecimento ou inconsciência, ele é também a sedução do futuro»⁸.

Nestas palavras solenes, que se alargam com esplendor do verbo e do pensamento por várias páginas, expõe Leonardo Coimbra uma concepção de Deus que vem de trás, que vai para diante, que se liga obviamente à concepção de Sampaio Bruno em *A Ideia de Deus*, mas que a supera, a meu ver, atingindo altitudes a que a reflexão de Bruno nunca chegou. Toda a grandeza filosófica de Leonardo esplende nas páginas finais d'*A Luta pela Imortalidade*, livro que merece ser lido com mais atenção e acribia do que tem acontecido até aqui. Este volume, que inclui a maravilha que é *A Alegria, a Dor e a Graça*, dá-nos a oportunidade de ler, articular e comparar os dois textos.

No movimento final d'*A Graça* ressoa assim o verbo do filósofo: «Em toda a parte, onde um grande Silêncio mora, sentimos o palpitar dum pensamento: a onipotência do Ser no corpo da realidade, a posse, que, do Universo, Deus toma permanentemente.»⁹

⁵ P. 395.

⁶ P. 395.

⁷ P. 395.

⁸ P. 395.

⁹ P. 199.

*No movimento final d'A Luta pela Imortalidade é assim que o verbo do filósofo retumba: «No ilimitado silêncio da noite freme de vida interior um grande pensamento, uma augusta presença se faz, que é a fraternização do homem com todos os seres na vasta comunhão da consciência divina.»*¹⁰

*Ouve-se, nos dois casos, nos diferentes textos, o mesmo «infinito eco de Ansiedade!...»*¹¹, que, aliás, percorre como um suave e poderoso vento cósmico e de consciência humana todo o volume.

¹⁰ P. 399.

¹¹ P. 400.

OBRAS COMPLETAS
DE
LEONARDO COIMBRA

